

DO REAL, PARADOXOS E CONTRADIÇÕES

Jacques Laberge¹

Do real e de sua articulação ao Imaginário e ao Simbólico no ensino de Lacan, queria destacar alguns paradoxos e contradições, a respeito de quatro aspectos: o primeiro, partir do simbólico, o segundo, o impossível a penetrar; o terceiro, o "não há rapport sexual", o quarto enfim, o impossível em relação ao recalque originário.

I. Partir do Simbólico

Partindo da noção do simbólico, comenta Lacan, muitas coisas se orientam e se esclarecem, mas muitos paradoxos e contradições aparecem (...) que não são por isto opacidades e escurecimentos (S.I,126).

Para evitar a mera confusão a respeito do real, impõe-se o primeiro passo : partir da ordem simbólica, pois, conforme Lacan, é dali que as outras ordens, imaginária e real, tomam seu lugar e se ordenam (S.I,263). Esta afirmação do Seminário I se vê repetida em versões parecidas neste mesmo Seminário e ao longo do ensino de Lacan. Para ele, não se trata somente de partir da noção do simbólico para esclarecer nosso trabalho, mas reconhecer a anterioridade do simbólico, anterioridade lógica da necessária determinação psíquica. Se não há simbólico, não se pode falar propriamente de real. Mas neste aspecto, paradoxos e contradições se mostram mais grosseiros no início da obra de Lacan. Por exemplo, ele acaba concordando com Rosine Lefort para quem não havia no pequeno Roberto nenhuma função simbólica e ainda menos função imaginária e que ele havia naufragado no real (S.I,117,120). Esta concordância sem esclarecimento nos confunde mas ilustra as dificuldades iniciais em Lacan para a articulação dos três registros. Certo é que ele insiste mesmo sobre o sistema simbólico já estabelecido (S.I,103). O Tudo parte do zero do Seminário XXV O momento de concluir de 78, nos serve de conclusão de um longo percurso sobre o simbólico como buraco da partida. O simbólico é associado, identificado à linguagem, condição do

¹ Psicanalista, membro de Interseção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: jacqueslaberge1@gmail.com.

inconsciente e por outro lado, de algum modo, aquilo a que o inconsciente poderia ser reduzido. O simbólico, como zero da partida, deve paradoxalmente conviver, a partir do surgimento dos nós no ensino de Lacan, com a equivalência entre os três registros neste aspecto em que cortar um deles desfaz automaticamente os dois outros.

Exemplifiquemos as ambiguidades em redor da questão da anterioridade do simbólico. Lemos no Seminário I, por exemplo, a expressão "real primitivo". Esta expressão poderia ser válida somente em referência a posteriores manifestações do real. Mas, enquanto primitivo, o real é aquele do efeito primitivo dos limites da simbolização primeira. O fenômeno psicótico em um neurótico, seja a alucinação do dedo cortado do "homem dos lobos" serve a Lacan para reler o texto freudiano A denegação com a ajuda de Hyppolite para quem Freud fala ali da origem do pensamento. Recorrendo a um outro mecanismo do que o recalque, seja à preclusão (foraclusão), Lacan desloca a interpretação do texto freudiano A denegação habitualmente reduzida à oposição consciente-inconsciente, quando o rejeitado do consciente vai para o recalque. Interpretando o texto freudiano à luz do fenômeno psicótico, Lacan nos ajuda a entender o real como efeito do limite da simbolização primeira. Embora ele se equivoque algumas vezes falando do real como "retirado" ou "excluído" (S.I,230;E.389), ou ainda de "expulsão do real", ele concorda basicamente com Freud. Este observa, em sua primeira referência à preclusão, a respeito de fenômenos psicóticos dos neuróticos, em *Psiconeuroses de defesa* de 1894: "o que é jogado fora é a representação insuportável" (G.W. I, 71-72). O excluído não é o real, mas algo da ordem significante.

O paradoxo em redor do "partir do simbólico" reaparece no título dado em dezembro de 74 ao Seminário, seja R.S.I., único título reduzido a letras. Redução do sentido, da significação, pela primazia do significante e da letra.

Passou-se com Lacan aquilo que ocorreu com Freud e que afinal se passa com cada um de nós: resistências e impasses, via inevitável para surpresas e descobertas, levam a repensar a teoria e a prática. Freud partiu para a segunda tópica, à articulação pulsão de vida - pulsão de morte. Lacan começou a falar cada vez mais do real, colocando R como a primeira das três letras. Mas não simplifiquemos a perspectiva da obra de Lacan, com o primeiro Lacan do imaginário, o segundo do simbólico e o terceiro do real. A insistência dele a respeito da primazia da sincronia sobre a diacronia em referência a um inconsciente sempre particular inspira toda sua obra. Esta insistência deve nos levar cada vez mais a tentar descobrir matizes diferentes em determinados

momentos da articulação dos três registros. Acentuam-se em 1978 aspectos diferentes da tríade que não deixa de ser a mesma de 1953. Agora é interessante observar que as letras R.S.I. são comentadas a 13 de novembro de 73 em *Les non-dupes errent* a respeito da religião que, em seu realizar o simbólico do imaginário (...) não está prestes a terminar. Ao R.S.I da religião, Lacan opõe a I.R.S., o imaginário, o real do simbólico que o analista tenta via matemática e linguística. Mas é no Seminário seguinte, R.S.I., que Lacan confirma sua tese: o analista opera a partir do simbólico o qual reduz o sentido pertencente à ordem do imaginário. O R em primeiro lugar das letras teria a ver com o real da resistência da religião que continua se impondo e que resiste à redução do sentido. Aliás, apesar da sequência das letras R.S.I., predomina no texto destes Seminários como dos demais a sequência habitual, o Simbólico, o Imaginário e o Real, representando o trabalho analítico de simbolizar o imaginário do real. O imaginário é sempre uma intuição daquilo que é a simbolizar, lemos em *Les non-dupes errent* (13-11-73).

Mas se o R ocupa o primeiro lugar, é que, a partir de 1972 sobretudo, o Real se chama o “não-rapport sexual”. E é de fato este limite que se impõe à primeira vista como o próprio Real estrutural. Voltaremos a este tema em nosso terceiro item.

II. Impossível a Penetrar

Um dos pontos mais paradoxais, melhor dizer mais contraditórios em Lacan, gira em redor do real, impossível a penetrar, definição de 1975 que retoma a definição de 22 anos antes do Seminário I o que resiste absolutamente à simbolização (S.I,80). O problema é que entre estas duas definições, do começo e do fim de seu ensino, há tanto real cavado pelo simbólico que deixa o leitor tonto. Se o real não pode ser penetrado, ele pode ser penetrado? Em suas Conferências e conversas em Universidades americanas de novembro-dezembro de 75, logo antes de afirmar que não há definição possível do real senão (...) é o impossível a penetrar, Lacan pronuncia uma frase curta que viria esclarecer este paradoxo-contradição : Do real que seja completamente real, isso... (*Du réel qui soit tout à fait réel, ça...*) (Scilicet 6/7,55-56).

Será que se trata propriamente de real, quando falamos do real ? O real não pode simplesmente servir de bode expiatório para tudo. O Seminário R.S.I. nos fala que operamos a partir do simbólico reduzindo o sentido que é da ordem do imaginário. É

uma maneira de dizer que o neurótico sofre de uma inchação, de uma inflamação de sentidos. Mas precisamos saber em que tipo de captura imaginária estaria preso o analista quando ele dificulta o trabalho de simbolização do imaginário. Possivelmente a captura a destacar consistiria na resistência do analista que não quer muito saber do lugar onde o analisante o coloca. Uma analisante se queixava da estagnação de seu processo analítico. Indaguei: o que sou para você? Fiquei surpreso com sua resposta: *para mim, o senhor é como um broche*. Phallus brochado, sem efeito, reduzido à mera ornamentação, mero enfeite. Ela acrescentou que seu prazer era dizer que fazia análise comigo! Dar nome a uma das facetas, um dos semblantes do analista que o analisante usa para minar o trabalho de análise pode se chamar simbolizar o imaginário, não simbolizar o real. E quando ocorre que nossas resistências provocam o real de algum *acting-out* em analisantes, será que em momento posterior vamos com ele simbolizar este real? Não propriamente, mas vamos retomar o trabalho de simbolização permitindo aquilo que nossa resistência havia inibido, seja uma explicitação do imaginário do analisante. Então poderá se fazer uma simbolização do imaginário que não terá mais como efeito o real do *acting-out*.

Trata-se sempre de retomar o trabalho de simbolização, partindo do zero, do buraco, constantemente fechado pelos entulhos imaginários, os do analista provocando mais entulhos do imaginário do analisante. Se o real não pode ser penetrado, não se pode falar de simbolizar o real. Mas retomando o trabalho de simbolização, desinfla-se o imaginário com efeitos outros de real. A queda da inflação do imaginário permitiria no limite o confronto com o real que talvez pudesse chamar-se de estrutural, o real do “não-rapport sexual”.

III. Real do Não Rapport Sexual

Quando coloca as três letras na sequência R.S.I., Lacan confirma um certo deslocamento da focalização a respeito do real. Nos primeiros Seminários, destacava-se a preclusão de significantes da castração ou do Nome-do-Pai, produzindo o real de fenômenos psicóticos em neuróticos ou produzindo o real da psicose.

Mas em dado momento do ensino de Lacan, o real acaba tomando outro nome: o impossível, o qual se anuncia: não há rapport sexual. (*L'Étourdit*, Scilicet 4,11). Esta nova abordagem se vê bem ilustrada em 1972-73 com o texto *L'Étourdit* e com o

Seminário XX, *Encore* e XXI *Les non-dupes errent*. O R se manifesta em primeiro lugar. Temos que partir disto, deste limite, deste desafio, perguntando-nos não como penetrar, como fazer buraco neste real, mas como, pelo buraco do simbólico, contorná-lo, isto é como andar em torno dele.

Partimos deste real, mas sabendo que este real, como qualquer real, provém do limite da estrutura ou do funcionamento no campo do simbólico. A respeito do real como impossível, Lacan afirma que é a natureza da linguagem que não acontece nunca que a relação sexual possa se inscrever (S.XXI,20-11-73). Esta impossibilidade provém da linguagem, condição do inconsciente. Já da linguagem está excluído o rapport sexual, pois se trata para nós de tomar a linguagem como aquilo que funciona para suprir a ausência (do) (...) “rapport sexual” (S.XX,47). Exclusão confirmada pelo saber inconsciente que faz nitidamente obstáculo a que a relação sexual se estabeleça. O saber inconsciente exclui a possibilidade da relação sexual. O recalque originário gira em redor do phallus. O phallus enquanto buraco do simbólico não somente não dispõe de significantes que possam dizer o rapport sexual, mas ele é o contrário deste rapport. É ele que obstaculiza o rapport sexual e o exclui. Ou o phallus ou o rapport sexual. Como é sempre o phallus, não é nunca o rapport sexual. Em outros termos, o inconsciente como simbólico joga a relação sexual para o real da impossibilidade. A relação sexual não deixa de não se escrever (S.XX,86), isto é, mais precisamente, não pode ser escrita de maneira sustentável (S.XX,36), ou não deixa de não se inscrever no simbólico, no inconsciente. O real do não rapport sexual é mais precisamente aliás o rapport sexual jogado para o real, sendo o privilégio do pai mítico, pai real enquanto excluído da castração simbólica.

Quase vinte anos depois do Seminário I, de seu comentário sobre o texto freudiano, *A Denegação*, Lacan esclarece o mito da origem do pensamento, a simbolização primeira em redor do phallus e a estrutural exclusão do rapport sexual, pertencendo ao impossível do real.

IV. O Impossível e o recalque Originário

Em R.S.I., a 17 de dezembro de 74, Lacan relança os paradoxos do real ao se referir ao recalque originário. Ele diz que é totalmente impossível dizê-lo completamente, que há um “Urverdrängung”, um Inconsciente irreduzível, e que este aí,

de dizê-lo, é propriamente falando o que, não somente se define como impossível, mas introduz como tal a categoria do Impossível. Como Lacan, faz tempo, vem qualificando o real de impossível, estamos aqui frente à explicitação de paradoxos. A temática da verdade que não pode ser dita senão pela metade pertence às teses fundamentais de Freud lembradas por Lacan já em O mito individual do neurótico de 1953. Mas nos deparamos com uma dificuldade. O impossível em relação ao recalque originário, isto é ao próprio buraco original da simbolização primeira, é o impossível em relação ao simbólico e não em relação ao real. Assim como quando se comenta, por exemplo, sobre o umbigo do sonho, trata-se não propriamente do real, mas do núcleo mesmo do simbólico, que não deixa de evocar o próprio recalque originário. Mas, no momento em que Lacan se refere à preclusão de significantes da castração ou do Nome-do-Pai, ou ainda da exclusão do "rapport sexual", o impossível ali é da ordem do real mesmo. Impossível, termo paradoxal por remeter não somente à impossibilidade quanto ao simbólico do recalque originário, mas à impossibilidade quanto ao real da preclusão, de exclusão.

Para que não se tornem opacidades e escurecimentos, paradoxos e contradições a respeito do real precisam em primeiro lugar ser apontados. Em segundo lugar, ser questionados: até que ponto são sustentáveis? E isto não nos isenta nunca de tentar dizer o que entendemos quando nos referimos ao Real.